

## “SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA” – A REPERCUSSÃO DO SUICÍDIO DE VARGAS NOS JORNAIS CARIOCAS

### “I LEAVE LIFE TO ENTER HISTORY” – THE REPERCUSSION OF VARGAS’S SUICIDE IN NEWSPAPERS FROM RIO DE JANEIRO

Michelle Oliveira Silva<sup>1</sup>

---

#### RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar o impacto nacional provocado pela morte de Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto de 1954, nos principais centros urbanos brasileiros. A partir do episódio do suicídio, problematizaremos a convulsão social ocorrida nesse dia e nos dias subsequentes, enfatizando as emoções, as ações e as percepções dos trabalhadores motivadas por esse fato, com base em matérias publicadas nos periódicos *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*.

**Palavras-chave:** Era Vargas. Convulsão Social. Suicídio.

#### ABSTRACT

This paper aims to analyze the national impact of Getúlio Vargas's death on August 24, 1954, across Brazil's major urban centers. Starting with the event of his suicide, we examine the social upheaval that took place on that day and in the days that followed, with an emphasis on the emotions, actions, and perceptions of workers stirred by the event. This analysis is based on articles published in the newspapers *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa*, and *Última Hora*.

**Keywords:** Vargas Era. Social Convulsion. Suicide.

#### INTRODUÇÃO

O período de 1930 a 1945 é chamado de Era Vargas, pois foi o momento em que Getúlio Vargas entrou no poder por meio de uma revolução e permaneceu no cargo até 1945. Durante esse tempo, foi criada uma relação de proximidade entre o governo e o povo. No governo provisório e constitucional, vivenciou-se a fase inicial da construção do acordo entre o governo e os trabalhadores, que passaram a receber benesses e a construir uma identidade positiva em relação ao trabalho.

Durante o Estado Novo, ocorreu a consolidação do pacto social (Gomes, 1998). Esse governo foi marcado pela ascensão ainda maior do trabalhador, por meio de medidas

---

<sup>1</sup> Graduada em História, pela Universidade Castelo Branco, Pós-graduada em História e Cultura do Brasil, pela Unesa e Mestre em História no Programa de Pós-Graduação em História (PPHG), pela Universidade Salgado de Oliveira e Doutoranda em História no Programa de Pós-Graduação em História (PPHG), pela Universidade Salgado de Oliveira. E-mail: michellesilva.historia@gmail.com.

que promoveram mais oportunidades de emprego, como a criação da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, e por uma valorização do ser brasileiro, evidenciada pelo nacionalismo.

Todavia, esse acordo entre Estado e trabalhador passou por momentos conflituosos, perceptíveis a partir da participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942), do Manifesto dos Mineiros (1943) e da crescente oposição política a Vargas. Esse conjunto de fatores culminou no fim do Estado Novo, marcado por um movimento chamado Queremismo, no qual o povo clamava pela permanência de Getúlio. Afinal, o povo não desejava a ruptura desse pacto, o que pode ser observado nos inúmeros telegramas recebidos pelo presidente (Macedo, 2013), na eleição de um candidato improvável – Dutra, que ganhou força após a declaração de apoio de Vargas –, nas vitórias do próprio Getúlio como deputado federal e senador em alguns estados, e, por fim, em seu retorno à presidência nas eleições de 1950, sendo eleito pelo povo. Seu governo foi encerrado no fatídico dia 24 de agosto de 1954, quando, segundo suas palavras, “saiu da vida para entrar na história”.

Os resultados da pesquisa realizada por meio de um formulário no *Google*, com 600 entrevistas<sup>2</sup> sobre Getúlio Vargas, levam à reflexão sobre o legado getulista e sobre como sua memória permanece viva no imaginário social. “Pai dos pobres”, “mãe dos ricos”, “trabalhista”, “populista”, “governo de progresso industrial”, “de censura”, “de violência” e “de avanços sociais”, entre outras, foram características listadas e assinaladas no formulário. Todavia, o que chama a atenção é o fato de, entre 600 pessoas, 597 entrevistados terem afirmado já ter ouvido falar de Vargas, seja muitas, algumas ou poucas vezes. Ou seja, no presente ano de 2024, quando se completam 70 anos da morte de Getúlio, faz-se necessária a análise sobre a herança getulista.

Dessa forma, ao longo deste artigo, procuramos apresentar a repercussão social, nos principais centros urbanos, após a ruptura abrupta entre o povo e o presidente, em 24 de agosto de 1954. Para isso, serão analisadas matérias publicadas nos periódicos *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*.

---

<sup>2</sup> Iniciativa do Professor Dr. Guilherme José Motta Faria (UVA).

## O DIA 24 DE AGOSTO DE 1954 NOS JORNAIS CARIOCAS

Trataremos agora, de forma pontual, como os periódicos cariocas *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora* interpretaram e levaram ao público informações relativas ao suicídio de Vargas. A intenção é problematizar a convulsão social ocorrida com esse acontecimento e como diferentes jornais abordaram esse episódio marcante da história brasileira.

Para isso, três questões nortearam esta análise: Por que amar Vargas? Por que chorar por Vargas? Por que se desesperar por Vargas?

Iniciaremos a discussão com o *Jornal do Brasil*. O jornal em questão foi fundado em 9 de abril de 1891, por Rodolfo de Sousa Dantas e Joaquim Nabuco. Já em sua primeira fase (1891–1893), o periódico demonstrava um caráter contestador, o que pode ser evidenciado em sua declaração de princípios. Segundo Ferreira e Montalvão (2009):

Traçava as diretrizes básicas de sua conduta política, afirmando seu propósito de criticar o governo, mas estabelecendo ao mesmo tempo limites a essa atuação. O jornal apresentava-se como um órgão de posições moderadas, que pretendia manter boas relações com o regime republicano.

Nesse primeiro momento, o *Jornal do Brasil* seguiu contestando alguns aspectos do regime republicano e enfrentando impasses provocados pelos monarquistas históricos (Ferreira; Montalvão, 2009). Além do perfil crítico, o periódico também se preocupava em destacar os problemas do dia a dia da cidade.

A segunda fase do *Jornal do Brasil* (1893–1894) foi marcada por negociações para sua compra e pela entrega da direção a Rui Barbosa. Nesse período, novos princípios de defesa foram incorporados ao jornal, como os apresentados em “Traços de um roteiro”, de autoria de Rui, que explicitava os novos compromissos do periódico: a defesa do regime republicano, associada, porém, ao combate à degeneração do regime promovida pela ditadura de Floriano (Ferreira; Montalvão, 2009).

As mudanças continuaram, e a terceira fase do periódico (1894–1919) reafirmou o perfil opositor a todos aqueles que, segundo o jornal, corrompessem as leis. Nesse momento, observou-se também uma preocupação em se posicionar como defensor dos menos favorecidos, dando voz a esses grupos por meio da divulgação de suas reclamações (Ferreira; Montalvão, 2009).

Entre 1919 e 1930, observamos a quarta fase do jornal. De forma geral, essa fase é apontada como moderada e conciliadora, caracterizada pelo apoio às candidaturas de Nilo Peçanha em 1922 e, posteriormente, de Washington Luís em 1926. Foi nesse período – já marcado pelas articulações que levariam à Revolução de 1930 – que o *Jornal do Brasil* passou a criticar de forma moderada a Aliança Liberal e a candidatura de Getúlio Vargas.

Assim, conforme Ferreira e Montalvão (2009):

Com a eclosão da Revolução de 1930 o *Jornal do Brasil* foi submetido a fortes represálias, que culminaram na invasão e no empastelamento de sua sede. Com isso, o jornal viu-se impedido de circular por um período de quatro meses.

É nesse cenário que, entre 1931 e 1950, observamos a reabertura do Jornal e uma posição de diligência em relação ao Governo Provisório, mas, ainda assim, mesmo que de forma moderada tecesse tímidas críticas ao governo, em 1932 deixou evidente a sua simpatia pela revolta paulista. Com o desfecho da revolta e a vitória política dos paulistas, ocorreu a subsequente elaboração da Constituição de 1934, que o boletim apoiou. É também nesse momento que inúmeras discussões internas ocorreram em relação ao perfil do jornal, nas quais alguns defendiam que o periódico deveria continuar apenas como um boletim de notícias e assim deveria se distanciar de grandes temas políticos, nas palavras de Ferreira e Montalvão (2009):

Dessa forma, o *Jornal do Brasil* foi perdendo sua importância como órgão noticioso, voltando-se quase que exclusivamente para os anúncios classificados. Mantendo suas primeiras páginas inteiramente ocupadas por anúncios, o jornal recebeu nessa época o apelido pejorativo de “jornal das cozinheiras”.

Ainda assim, apesar das discussões internas, o *Jornal do Brasil* não perdeu totalmente seu caráter contestador e, com um perfil “conservador e católico”, passou a criticar os movimentos de esquerda<sup>3</sup>. De acordo com Ferreira e Montalvão, com o advento do Estado Novo: “O *Jornal do Brasil* adotou uma política de conciliação, mantendo relações cordiais com o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e demonstrando simpatia para com a legislação trabalhista e a política econômica de Vargas”.

No período da redemocratização, em 1945, o jornal não se envolveu de forma aberta na campanha eleitoral para a presidência da República. Nas eleições de 1950, manteve-se discreto, apontando algumas simpatias ao candidato Eduardo Gomes.

---

<sup>3</sup> Repudiou a Aliança Nacional Libertadora (ANL), o Levante Comunista (1935) e até mesmo o Integralismo, devido ao seu grande extremismo.

Com a vitória de Vargas, o periódico passou a discutir a política econômica anti-inflacionária durante o segundo governo Vargas, de acordo com Ferreira e Montalvão (2009):

O *Jornal do Brasil* manteve sua linha de discrição, não participando das campanhas radicais que envolviam o governo de Getúlio Vargas. O jornal condenou o atentado da Toneleros e reprovou o chamado “mar de lama”, mas não se pronunciou a favor do *impeachment* do presidente nem encampou as denúncias apaixonadas de Carlos Lacerda.

Com o suicídio de Vargas, o jornal apoiou a sucessão presidencial pelo vice Café Filho e noticiou, entre os dias 24 e 31 de agosto de 1954, os desdobramentos nacionais em virtude da morte de Getúlio.

No dia 24 de agosto de 1954, publicou a manchete: “Renunciou o Presidente da República”. Já no dia 25, noticiou a trágica madrugada daquele dia: “a população desta cidade acompanhou, sem dúvida, os acontecimentos cujo desfecho imprevisto, surpreendente e trágico veio consternar a nação inteira” (*Jornal do Brasil*, 1954, ed.00196, p.7).

Mas por que houve essa consternação nacional? Podemos relacionar a resposta às últimas palavras de Vargas, citadas na mesma página: “à sanha dos meus inimigos deixo a minha morte. Sinto não ter feito pelos humildes aquilo que desejava fazer”.

A partir da leitura desse trecho, é possível compreender a escolha de Vargas em ressaltar que não concluiu a série de feitos que desejava em relação aos humildes, uma referência direta ao grupo que elegeu como sujeito principal das políticas de seus governos: os trabalhadores. Ou seja, todas as benesses cedidas pelo governo de Vargas entre 1930 e 1945 e depois entre 1951 e 1954 mostravam-se insuficientes, e ele gostaria de fazer mais – afinal, foi o “pai dos pobres”.

Um pai presente, que concedeu uma legislação trabalhista preocupada em atender às necessidades básicas do operariado brasileiro. Foi diante de todo esse legado que o boletim mencionou, em suas páginas, a grande afluência ao Catete, pois o povo desejava se sentir próximo ao seu amado pai-presidente, ainda que morto. Paralelamente, foram noticiadas, nesse mesmo dia, a posse de Café Filho, a decretação de luto oficial por oito dias e as diversas homenagens vindas do Senado, da Câmara e do Legislativo (*Jornal do Brasil*, 1954, ed.00196, p.7).

Por outro lado, distúrbios em vários pontos da cidade foram notabilizados, com apedrejamentos a jornais e emissoras – considerados opositores a Vargas em vida. Mas por

que apedrejar? Para os populares, esse foi inicialmente um ato simbólico, no qual manifestavam seu total apoio a Vargas, embora morto, e seu desprezo às instituições que, de certa forma, o perseguiram em vida (*Jornal do Brasil*, ed.00195, 1954, p.9).

Com a chegada da urna funerária, novas comoções foram percebidas. Não obstante o cenário nacional e, enfaticamente, no Rio de Janeiro, o *Jornal do Brasil* preocupou-se em pontuar a repercussão da notícia do suicídio de Vargas no exterior (Caracas, Portugal, EUA), assim como no estado de Belo Horizonte, onde ocorreram muitas desordens e o fechamento de comércios em sinal de luto. Houve também luto oficial no Espírito Santo, acompanhado de grande sentimento de pesar da população, assim como em Sergipe e Pernambuco.

Esse sentimento de tristeza pôde ser percebido de forma ainda mais intensa nas visitas ao corpo de Getúlio Vargas. Segundo o *Jornal do Brasil* (1954, ed.00196, p.9), as filas eram longas, e a rua do Catete, desde as primeiras horas da manhã, estava intransitável. Cenas impactantes foram notadas nesse dia:

A maioria das pessoas ao se aproximar do esquife, beijavam-no e debruçavam sobre o mesmo, choros, ataques, gritos, se sucediam a todo o momento. Até às 21 horas de ontem cerca de 400 pessoas foram atendidas no serviço médico do S.A. M. D. U. Instalado numa pequena dependência ao lado da sala onde se achava em exposição o corpo do presidente Vargas.

No caixão não se encontrava apenas o corpo de um chefe de Estado, mas de um homem que soube valorizar o trabalhador brasileiro e dar garantias ao mesmo em vida. Ou seja: “Para os trabalhadores, em particular, o Estado, nos anos 1930 e 1940, tornou-se produtor de bens materiais e simbólicos” (Ferreira, 1997). O povo estava velando alguém que instituiu “novas relações entre o Estado e a classe trabalhadora” (Ferreira, 1997). Alguém que não se preocupou apenas em criar uma legislação trabalhista, mas também órgãos que garantissem o cumprimento dessas leis.

Nesse cenário de tristeza e convulsão social, no dia 26 de agosto de 1954, o periódico discorreu sobre a repercussão dolorosa, no exterior, do desaparecimento de Vargas. No dia 27 de agosto de 1954, teve-se ao destaque do novo governo, como nomeações e primeiras ações; e, no dia seguinte, voltou a salientar as novas demonstrações de pesar pelo suicídio, no Tribunal Federal de Recursos e no Tribunal Superior Eleitoral (*Jornal do Brasil*, 1954, eds. 00197, p.5; ed.00198, p.6; ed.00199, p.7).

No dia 29 de agosto de 1954, não foram feitas referências relacionadas às repercussões causadas pelo suicídio de Vargas. No dia 30, nada foi digitalizado e, por fim,

no dia 31 de agosto de 1954, além de reportagens alusivas ao governo Café Filho e aos seus desdobramentos, o *Jornal do Brasil* assinalou a homenagem feita a Getúlio Vargas pelo Tribunal Regional Eleitoral, o monumento a Vargas em Vitória e as diversas missas celebradas em Porto Alegre (*Jornal do Brasil*, 1954, ed.00200, p.1).

Contestação, moderação, discricção, cautela e diligência foram marcas fundamentais percebidas no *Jornal do Brasil*, que reafirmou o seu caráter popular nas publicações sobre o dia 24 de agosto de 1954. Entre as notícias, enfatizou também informações europeias e norte-americanas, além de anúncios de empregos. Por outro lado, desde o dia 25 de agosto, noticiou fatos relacionados ao suicídio, tais como a comoção e a indignação popular. A partir da mesma data, passou também a mencionar o novo presidente e suas primeiras ações. Ou seja, esse jornal abriu espaço para reportagens sobre o suicídio, não o tratando apenas jornalisticamente, no sentido de apenas pontuar, mas procurando mostrar como o povo se sentiu com essa notícia, reportando-se a uma comoção social inédita no Brasil.

Dando continuidade à discussão, o segundo jornal analisado foi o *Tribuna da Imprensa*, um jornal carioca, diário e vespertino, criado em 1949 por Carlos Lacerda, comprado por Hélio Fernandes em 1962 e que deixou de circular em papel em 2008. Ainda em 1949, Lacerda, então filiado à União Democrática Nacional (UDN), destacou as principais proposições do jornal, que seriam as de fazer oposição às forças remanescentes do getulismo. O periódico se preocupou em criticar o governo getulista, do governo provisório ao Estado Novo.

Nas palavras de Leal (2012):

Quatro dias após o lançamento do jornal, Carlos Lacerda, através do artigo “50 anos de século XX”, explicitou com maior rigor as diretrizes de seu pensamento político: enquanto a Revolução de 1930 havia configurado a destruição da rotina constitucional no Brasil, a Revolução de 1932 fora o último grande ato da velha democracia brasileira contra a nova ordem instituída. O Governo Provisório e o período de 1934 a 1937 haviam representado um acordo entre as antigas e as novas forças políticas e sociais que dominavam o Estado. O Estado Novo, por sua vez, não fora senão a instauração da própria ditadura de Vargas, “um misto de caudilhismo sul-americano e de fascismo europeu.

Durante os bastidores das eleições de 1950, o periódico fez várias denúncias em relação à violência policial durante o Estado Novo e apoiou a candidatura de Eduardo Gomes, sem deixar de mencionar em suas páginas os discursos do também candidato Cristiano Machado. Para o jornal, eles estavam apoiando uma candidatura democrática que não foi capaz de convencer a população brasileira, que creditou seus votos a Getúlio

Vargas – esse último, por escolha do povo, ou seja, por voto direto, assumiu a presidência do Brasil.

Durante o segundo governo de Vargas, o *Tribuna da Imprensa* continuou sendo oposição a Vargas e, em 1951, iniciou uma campanha contra o jornal *Última Hora*, alegando que o Estado possuía interesses nesse periódico. Em dezembro de 1952, um artigo assinado por Otávio Mangabeira enfatizou, mais uma vez, a posição do boletim contrária a Vargas. Nesse artigo, foi destacada uma dupla crise que estaria em torno do presidente: segundo Mangabeira, uma crise de governo e uma crise de regime (Leal, 2012). O texto foi uma das tentativas do periódico de enfraquecer a figura de Vargas.

De acordo com Foster Dulles, esse foi o jornal que desferiu “os mais violentos ataques ao governo”. E, durante a crise do segundo governo Vargas, especialmente no momento do Atentado da Toneleros, o boletim acirrou sua posição contrária ao governo de forma exorbitante. Devido à tamanha oposição e aos desdobramentos provocados pelo suicídio de Getúlio Vargas em 1954, o boletim sofreu retaliações por parte dos populares, que tentaram empastelar sua redação.

No dia 24 de agosto de 1954, o *Tribuna da Imprensa* divulgou a manchete: “Suicidou-se Getúlio, desfechando um tiro no coração em seus aposentos”. Continuou abordando um dos desdobramentos provocados pela morte de Vargas, que foi o fechamento dos comércios no Rio de Janeiro e, logo depois, nas páginas sucessoras, passou a dar ênfase maior ao novo governo – o de Café Filho –, suas declarações iniciais e seu dramático discurso no Senado.

No dia 25 de agosto de 1954, nada foi digitalizado. Houve um silêncio que foi interrompido no dia 26, quando a primeira página do periódico voltou a destacar o governo de Café Filho, mencionando as nomeações e exonerações do novo governo, o novo ministro da Justiça e apresentando os “homens do governo Café Filho”. Em contrapartida, ainda no dia 26, o boletim acabou salientando também a missa em sufrágio pelo presidente morto, assim como a repercussão da morte de Vargas no exterior (Cidade do Vaticano, Peru, Bélgica, Portugal, Chile, França, EUA, Guatemala, Londres, o luto oficial na Argentina e na Suíça). Nas páginas seguintes, continuou expondo a grande emoção que tomou conta da população durante o embarque do corpo de Vargas, bem como a comoção que ocorreu quando o corpo chegou ao aeroporto Santos Dumont, momento em que os populares transpuseram os portões cantando o Hino Nacional. O periódico continuou

narrando que milhares de pessoas estavam em pranto, desfilando diante do corpo de Vargas no Palácio do Catete.

Diante dessa descrição, cabe a indagação: por que amar Vargas? Por que chorar por Vargas? Por que se desesperar por Vargas? Uma hipótese ancorada na análise desta dissertação é que Vargas representava o bem do Brasil, pois mudou seu perfil político e econômico, fazendo-o avançar; soube dirigi-lo e resguardá-lo na fase mais tormentosa que a humanidade passou, a Segunda Guerra Mundial, e foi um gênio político de que o país se orgulhava: um homem do povo, que teve um bom coração (Macedo, 2013, p.66).

De acordo com o amazonense Manoel Marinho da Silva, em *O Jornal*, Vargas era um exemplo de homem e de brasileiro, administrador e juiz, e, acima de tudo, amigo (*O Jornal*, 1945, 1ª seção, p.6). Em meio a essas e outras percepções, por que amar Vargas? O periódico, a partir das indicações redigidas pelos leitores, fomenta hipóteses para a questão: porque Vargas era o chefe da família e foi aquele que amparou o brasileiro (*O Jornal*, 1945, 3ª seção, p.8); porque Vargas protegeu o trabalhador (*O Jornal*, 1945, 1ª seção, p.6). Porque Vargas não havia sido apenas um presidente, e sim um amigo (*O Jornal*, 1945, 1ª seção, p.6).

Prosseguindo a publicação em torno dos acontecimentos, o jornal *Tribuna da Imprensa*, no dia 27 de agosto de 1954, mencionou as desordens ocorridas no Rio Grande do Sul, as quais provocaram seis mortes e ferimentos em cerca de setenta pessoas. Ainda nesse dia, o boletim continuou a ressaltar as mudanças promovidas por Café Filho, tais como a nova política econômica e o anúncio do ministro da Fazenda (*Tribuna da Imprensa*, 1954, ed.01420).

Nos dias 28 e 29 de agosto de 1954, não houve destaque para os desdobramentos da morte de Vargas, e o enfoque voltou-se para os bastidores das próximas eleições (*Tribuna da Imprensa*, 1954, ed.01421). No dia 30, o jornal publicou a formação da grande frente nacional em apoio a Café Filho (*Tribuna da Imprensa*, 1954, ed.01422) e, no dia 31, as desordens nas ruas, geradas devido à aliança PCB-PTB (*Tribuna da Imprensa*, 1954, ed.01423).

O jornal *Tribuna da Imprensa*, marcadamente contrário ao governo getulista e também alvo de ações contrárias de populares, noticiou os acontecimentos relacionados ao suicídio; porém, sua ênfase foi no governo de Café Filho, suas declarações e ações. Esse foi um jornal que, embora tenha tratado o suicídio jornalisticamente, ainda assim mencionou a comoção social ocasionada pela morte de Getúlio Vargas.

Por fim, cabe discutir o jornal *Última Hora*, um jornal de oposição à classe dirigente e a favor do governo de Vargas. Nesse sentido, o boletim foi criado para servir de respaldo ao governo getulista junto à opinião pública. Samuel Wainer, o fundador, apresentava Vargas como “o poder contra o poder”, a contraditória figura política que, embora na presidência da República, empenhava-se em lutar contra “a classe dirigente brasileira”, na qual estariam congregados os “verdadeiros elementos do poder”.

Wainer mantinha relações diretas com Vargas. Dessa forma, a posição defendida pelo periódico era de apoio a Getúlio, servindo como uma ponte entre o governo e o povo. Somada a essa defesa, o boletim se propôs a lutar pela soberania nacional e pelo desenvolvimento econômico, combatendo os interesses estrangeiros na economia brasileira. Essa proposta estava diretamente ligada à defesa nacional-estatista de Getúlio.

Diante dessa posição, nota-se que o jornal se tornou um porta-voz da política de Vargas, num momento em que jornais como o *Diário Carioca* e o *Tribuna da Imprensa* faziam uma oposição ferrenha ao governo. É nesse cenário que Carlos Lacerda, fundador do *Tribuna da Imprensa* e aliado a outros órgãos da imprensa brasileira, desencadeou uma intensa campanha contra o periódico *Última Hora*.

Dentre as acusações a Samuel Wainer, Lacerda destacava o fato de o jornalista ser estrangeiro e que, de acordo com a Constituição vigente, ele não poderia ter assumido nem dirigido qualquer órgão de imprensa no país. Conforme Leal (2012), Lacerda continuou a campanha enfatizando:

Os empréstimos que deram origem à *Última Hora*, e sobretudo as relações de Samuel Wainer com o Banco do Brasil. Os financiamentos obtidos por Wainer passaram a ser tachados de “vergonhoso favoritismo”. *Última Hora* foi acusada de ter conseguido ilícitamente um financiamento de quase 250 milhões de cruzeiros antigos.

Logo em seguida, em 1953, foi instaurada uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), para apurar as denúncias feitas ao jornal *Última Hora*. O objetivo dos opositoristas, além de destruir o periódico, era o de tentar vincular o presidente e membros da sua família ao jornal, pois: “dessa forma, criar-se-iam elementos para envolver o presidente em crime de favorecimento, abrindo-se a possibilidade de um impeachment de seu governo”.

O objetivo da oposição não era meramente destruir um jornal, mas acabar com Vargas. Nesse momento, segundo Leal (2012), as conclusões da CPI foram publicadas:

As conclusões da CPI, publicadas pelo *Diário do Congresso Nacional* de 18 de novembro de 1953, atestaram ter havido concessão de empréstimo à *Última Hora* pelo Banco do Brasil mediante a caução de contratos de publicidade, fixada antes mesmo de circular o primeiro número do jornal, e contra descontos de títulos avalizados por Samuel Wainer e Luís Fernando Bocaiúva Cunha.

A despeito das perseguições e das conclusões da CPI, o jornal conseguiu pagar suas dívidas e sobreviver à crise que se intensificou a partir do atentado da Toneleros, no qual o major Rubens Vaz veio a óbito. Esse foi um cenário em que houve um aumento expressivo de posições contrárias ao governo, assim como foi o momento em que: “Getúlio pediu então a Wainer, através de seu filho Manuel Vargas e de Danton Coelho, que publicasse em *Última Hora* a manchete “Só morto sairei do Catete”. Essa manchete estava pronta quando, no dia 24 de agosto, o presidente se suicidou”. (Leal, 2012).

Com a morte de Vargas, o periódico foi o único que conseguiu circular no Rio de Janeiro, uma vez que os demais jornais foram impedidos pela própria população. Diante da morte do presidente, o boletim foi o jornal que mais se preocupou em detalhar as ações ocorridas devido ao suicídio de Vargas, assim como deu maior atenção às diversas reações do trabalhador brasileiro, dando voz ao povo nesse momento de grande dor.

Diante disso, no dia 24 de agosto de 1954, a primeira página do boletim destacou a manchete: “Matou-se Vargas, o presidente cumpriu a palavra: só sairei morto do Catete” (*Última Hora*, 1954, ed.00979, p.1). As publicações que seguiram, na mesma página, narraram que, às 08h30min da manhã, o maior líder popular que o povo brasileiro já havia conhecido encerrou, de modo dramático, a sua vida com um tiro no coração.

Líder esse que permaneceu no poder inicialmente por 15 anos consecutivos e que, assim que houve a oportunidade de o povo decidir, por meio do voto direto, o elegeu. Mas por que a escolha por Vargas? Conforme destaca Macedo, e que consideramos na resposta a essa proposição: “Os trabalhadores e populares, como sujeitos históricos, foram capazes de refletir acerca de sua realidade, compreendendo Getúlio Vargas a partir de suas necessidades materiais e simbólicas.” (Macedo, 2013, p.86-87).

Essa interpretação se relaciona a uma visão dos trabalhadores não apenas como massa de manobra, alienada pela propaganda política, mas como possuidores de uma cultura política que associava a figura de Vargas à cidadania social. E foram justamente esses mesmos trabalhadores que decidiram por ele mais uma vez, em agosto de 1954.

Ainda no dia 24 de agosto de 1954, o periódico transcreveu a mensagem que Vargas deixou antes de desferir o tiro fatal contra o próprio peito: “A sanha dos meus inimigos

deixo o legado de minha morte. Levo o pesar de não ter podido fazer pelos humildes tudo aquilo que eu desejava” (*Última Hora*, 1954, ed.00979, p.2). A página subsequente se preocupou em ressaltar a mudança da fisionomia política da nação.

No mesmo ritmo de reportagens, no dia 25 de agosto de 1954, o periódico fez questão de narrar como foi o último encontro do povo com o grande presidente morto, enfatizando as longas e intermináveis filas que serpenteavam pelas ruas adjacentes ao Palácio Presidencial. Na página 2, o jornal descreveu que, durante toda a noite, houve um desfile do povo, onde todas as classes sociais estavam ali representadas, democraticamente de pé nas longas filas que se estendiam pelas ruas Silveira Martins e Ferreira Viana e que alcançavam a Praia do Flamengo – a praia do Russel de um lado e a rua Machado de Assis do outro (*Última Hora*, 1954, ed.00980, p.1-2).

A comoção social era notória. Segundo o boletim, o povo na rua gritava impaciente pelo seu presidente. Assim, destacou-se cerca de dois mil e cem desmaios, crises coletivas históricas e populares que precisaram ser medicadas, com cerca de 20 casos graves. Sobre esses casos, o periódico apresentou imagens de pessoas sendo carregadas por enfermeiros (*Última Hora*, 1954, ed.00980, p.2). Em relação ao desequilíbrio emocional percebido, Jorge Ferreira afirma que: “A presença do cadáver de Vargas permitia que os mais secretos símbolos e imagens referentes à morte que povoam o inconsciente se revelassem e daí o desequilíbrio emocional e psíquico.” (Ferreira, 2011, p.76).

Esse momento era de dor, e a população estava tão consternada que o caixão – lugar onde foi visto pela última vez o pai dos trabalhadores brasileiros – ficou repleto de lágrimas, e uma incalculável multidão comovida acompanhou o presidente do Palácio do Catete ao aeroporto (*Última Hora*, 1954, ed.00980, p.2).

Na sequência dessa edição, na página 14, relatou-se o cortejo fúnebre do presidente, no qual os populares, com olhos repletos de lágrimas, declamavam: “Para nós ele não morreu”. Nesse momento, cerca de duas mil e oitocentas pessoas precisaram ser socorridas. Milhares de pessoas estiveram ao lado do aeroporto Santos Dumont, assim como ocorreram vários incidentes após a partida do corpo de Vargas, quando um popular foi morto e outros feridos em consequência da descarga de uma metralhadora contra o povo que se manifestava naquele momento (*Última Hora*, 1954, ed.00980, p.14-16). Foi durante esse momento de grandes dificuldades que o repórter do *Última Hora* (1954, 2ª ed.extra, p.2) entrevistou um grupo de comerciárias, e uma delas ressaltou:

Para nós, mulheres, Getúlio Vargas não morreu. A sua obra ficará eternamente beneficiando nossos filhos, nossos netos, e estes ainda lembrar-se-ão daqui a 50 ou 100 anos que o Brasil teve um dia um presidente da República que se dedicou de corpo e alma para solucionar os problemas das classes menos favorecidas. Por isso é que eu digo que para nós Vargas não morreu.

De uma forma geral, as entrevistas com diferentes grupos da população nos jornais indicavam que quem morreu foi um homem que trouxe apenas benesses à população, dedicando-se integralmente a servir a nação. Ou seja, um corpo desapareceu, mas não o seu legado. É diante desse cenário que a indagação – mas por que amar Vargas? – é suscitada mais uma vez. Para responder a esse questionamento, recorreremos ao depoimento da dona Jaci, de 60 anos, que relatou um pouco do porquê do seu amor pelo presidente, conforme o jornal *Última Hora* (1954, p.3):

Tudo o que nós temos devemos ao Dr. Getúlio! Ele não poderia nos deixar. Nunca tivemos nós, mulheres de trabalhadores, um homem que tanto se dedicasse aos pequenos como o nosso Presidente que acaba de morrer. É o fim para nós que vivemos do trabalho.

É válido destacar que esse amor tinha uma via de mão dupla e havia sido regido por um pacto social (Gomes, 1997), no qual o governo soube olhar para o povo, levar em consideração suas lutas e, dessa forma, conceder aquilo que eles tanto pleitearam: os direitos trabalhistas.

Prosseguindo em seu detalhamento, no dia 26 de agosto de 1954, o jornal destacou a situação de pranto e dor nos estados pela morte de Vargas, a proibição dos comícios no Rio Grande do Sul, a romaria nacional a São Borja para sepultar Getúlio e as diversas comoções em Porto Alegre. Na página 5, ressaltou a repercussão do suicídio no mundo e as homenagens a Vargas que ocorreram na França, Argentina, Espanha, Suíça, Inglaterra e Portugal (*Última Hora*, 1954, ed.00981, p.3-5).

No dia 27 de agosto de 1954, o periódico iniciou suas publicações com uma declaração de Osvaldo Aranha no túmulo de Vargas: “Juro continuar a luta”. Também relatou a recepção ao corpo de Vargas pelos rio-grandenses e, por fim, deu espaço a notícias relacionadas ao novo presidente, demonstrando a intensidade do primeiro dia de Café Filho no Catete (*Última Hora*, 1954, ed.00982, p.1-3).

A repercussão da morte de Vargas ainda estava muito viva nas publicações do jornal no dia 28 de agosto de 1954, quando foi descrita a orfandade dos trabalhadores com o suicídio do presidente, assim como enfatizada a coragem de Vargas em morrer na defesa do mandato conferido pelo povo (*Última Hora*, 1954, ed.00983, p.1-3).

Em relação ao suicídio e a essa coragem, Jorge Ferreira destacou que: “Se na cultura ocidental o suicídio é interpretado como sinal de fuga, gerando certa vergonha e ferindo inclusive os preceitos do cristianismo, a atitude de Vargas, porém, assumiu significado bem diferente.” (Ferreira, 2011, p.78-79). Segundo José Carlos Rodrigues, quando um mártir morre pelos seus ideais, na defesa da pátria, ele deixa um sentimento de orgulho coletivo, e sua memória acaba sendo reverenciada. (Rodrigues, 1979, p.59).

Em relação ao suicídio e a essa coragem, Jorge Ferreira destacou que: “Se na cultura ocidental o suicídio é interpretado como sinal de fuga, gerando certa vergonha e ferindo inclusive os preceitos do cristianismo, a atitude de Vargas, porém, assumiu significado bem diferente”. (Ferreira, 2011, p.78-79). Segundo José Carlos Rodrigues, quando um mártir morre pelos seus ideais – na defesa da pátria, ele deixa um sentimento de orgulho coletivo e sua memória acaba sendo reverenciada. (Rodrigues, 1979, p.59).

Aqui observamos mais duas ponderações que auxiliam na resposta à indagação: Por que amar Vargas? Porque o homem que morreu honrou até o final a confiança depositada nele pela população, de tal forma que teve muita coragem em desferir um tiro contra o próprio peito com o propósito de defender o mandato conferido a ele pelo povo.

Dando continuidade às matérias do *Última Hora*, no dia 29 de agosto de 1954, nada foi digitalizado, e no dia 30 de agosto de 1954 foi relatado que Alzira Vargas, filha do presidente morto, depôs afirmando que seu pai não havia se suicidado, mas dado o seu próprio sangue, com o objetivo de que não escorresse o sangue do povo. Ou seja, Alzira entendeu que a atitude do seu pai de se suicidar estava diretamente relacionada a defesa do povo, que ele tanto amou em vida (*Última Hora*, 1954, ed.00984, p.1).

Ainda no mesmo dia, Alzira afirmou que tinha em seu poder os rascunhos originais da *carta testamento* do seu pai, acrescentando que ninguém os arrancaria dela. Em suas últimas declarações neste dia, Alzira declamou: “Meu pai deu a sua vida em holocausto. Para que o povo brasileiro, que ele amava mais que a si próprio, mais do que a própria família, extraísse de seu sacrificio novas forças para continuar lutando pela emancipação econômica e política do Brasil” (*Última Hora*, 1954, ed.00984, p.1).

Seis dias após a morte de Vargas, no dia 31 de agosto de 1954, o povo ainda se mostrava consternado com toda a situação, alegando que fariam justiça por intermédio do voto, assim como se ajoelharam para pedir a Deus pela alma de Vargas, no pátio da Igreja da Candelária.

Diante de todos os desdobramentos relatados nos parágrafos anteriores: Por que amar Vargas? Por que chorar por Vargas? Por que se desesperar por Vargas? A partir de uma interpretação baseada no conceito trabalhismo, que orientou a Dissertação, e na percepção da população indicada nos jornais diante do suicídio, cabe ressaltar que Vargas não foi visto apenas como um governante e sim como pai. Ele soube ouvir, atender e garantir aos trabalhadores direitos que antes eram apenas teóricos e durante o seu governo se tornaram realidade. Porque ele estabeleceu um pacto social com o povo e lutou pelas classes menos favorecidas. Porque ele foi um homem de bom coração e tinha compromisso com aqueles que trabalhavam. Porque, antes dele o trabalhador, o vagabundo e o criminoso se confundiam no mesmo caso de polícia. Porque, segundo *O Jornal* (1954, 1ª seção, p.3):

Getúlio viu que o trabalhador tinha deveres e lhe deu direitos; tinha família e lhe deu assistência; tinha fome e lhe deu pão; estava doente e lhe deu hospital; que ficava velho e lhe deu aposentadoria; [...] que o trabalhador tinha filho e lhe deu escola; que o trabalhador era gente e lhe deu uma situação na sociedade.

Por que amar, chorar e se desesperar por Getúlio? Ainda embasando-nos no referencial conceitual do trabalhismo e nos periódicos trabalhados nesse capítulo, cabe indicar que: “O trabalhador, que antes era tratado como caso de polícia, passou a ser contemplado por políticas públicas de cunho, social, como leis trabalhistas, educação e saúde” (Macedo, 2013, p.67). Porque Vargas concedeu leis ao trabalhador porque reconhecia o seu dever de assim o fazê-lo, com o objetivo de manter a harmonia social (Gomes, 1997). Porque ele olhou para os necessitados e lutou até o último dia da sua vida contra as pressões oposicionistas em defesa do povo. Porque ele lutou contra a espoliação do Brasil e pelo nacional-estatismo. Porque ele lutou pelo povo com a sua própria morte, a fim de que esse grupo não fosse escravo de ninguém. Porque desapareceu um corpo, mas não o seu legado.

Lágrimas, tristeza, luto oficial por oito dias, homenagens no senado, na câmara, repercussão e consternação no exterior e em vários estados. Enfaticamente, no Rio de Janeiro, uma convulsão antes não vista na história do Brasil, em um cortejo fúnebre que reuniu milhares de pessoas, que gritaram, choraram e se desesperaram. Mais de dois mil casos de indivíduos que se sentiram mal e precisaram de assistência médica. Depoimentos comoventes. Comércio fechados. Ataque a jornais oposicionistas como *O Globo* e o *Tribuna da Imprensa*, sob a forma de protesto.

Um outro fato importante de se notar foi a comoção popular ocorrida nos estados brasileiros, muito embora o ápice tenha acontecido no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul. Uma justificativa para isso pode ser devido ao fato do presidente morrer na capital fluminense, mas o que percebemos é que o impacto da morte de Vargas foi nacional e não restrito a apenas um estado. Para Jorge Ferreira (2011, p.315), o suicídio de Vargas:

Paralisou os golpistas, a reação popular os fez recuar. Surpresos e atemorizados, perderam a autoridade e, sobretudo, a legitimidade política para justificar como necessária a intervenção militar. O golpe era inviável. O presidente morto inspirava, no mínimo, prudência.

Desta forma, observamos, ao final desta análise, que os três jornais analisados nessa pesquisa: *Jornal do Brasil*, *Tribuna da Imprensa* e *Última Hora*, destacaram o suicídio em suas páginas. Alguns tentaram minimizar o acontecimento, publicando e enfatizando a posse de Café Filho, mas, ainda assim, mencionou os acontecimentos gerados a partir do suicídio de Vargas, como foi o caso do *Tribuna da Imprensa*. Por fim, vale ressaltar que o jornal *Última Hora*, merece destaque nessa análise, pois enfatizou a comoção social vivida pelo povo brasileiro ante a esse episódio.

## CONCLUSÃO

Ao longo deste artigo buscou-se problematizar a relação construída entre o governo getulista e o povo brasileiro, durante a Era Vargas (1930-1945), assim como também no segundo governo do presidente (1951-1954), a fim de compreender o que levou a convulsão social diante do suicídio de Getúlio, ocorrido no dia 24 de agosto de 1954.

Sendo assim, observa-se que a morte, o desaparecimento físico do presidente motivou a comoção social, considerando que o falecimento destrói e faz putrefar tudo aquilo que a sociedade investiu, durante tanto tempo em um ser humano. Além do mais, segundo José Carlos Rodrigues, o falecimento de um governante repercute de maneira ainda mais grave, com grande assombro, pois ela representa o conjunto da coletividade. (Rodrigues, 1979, p.49-58). O evento trouxe um sentimento de desespero e desequilíbrio emocional e psíquico na população, pois dele não se volta.

Por fim, a partir do recorte temporal 1930-1945 e 1951-1954, pudemos perceber que o povo escolheu por Vargas não apenas em 1945, no movimento queremista, e em 1951, com a eleição direta, mas também em 1954, uma vez que, mesmo diante de um cenário de crises e incertezas, optaram por chorar, se lamentar e venerar o presidente que,

reconhecidamente, por meio de diferentes manifestações, em vida tanto fez por eles. Presidente esse que, de fato, conduziu estrategicamente a sua trajetória, saindo da vida e entrando para a história como um dos sujeitos mais controversos e aclamados da política brasileira.

## REFERÊNCIAS

BARATA, Renée. **História através da imprensa**: algumas considerações metodológicas. São Paulo: PUC-SP, 1985. p.89-102.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

BRANDI, Paulo. **Vargas**: da vida para a história. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CAMARGO, Ana Maria de. A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. *In*: PAULA, Eurípides Simões de (Org.). **Anais do V Simpósio Nacional de Professores Universitários de História**. São Paulo: Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, p.225-239.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas histórias. *In*: CEZAR, Marcus A. R. (Org.). **Historiografia Brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. O Estado Novo: o que trouxe de novo? *In*: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil Republicano – Volume 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO PÓS-1930. Coord. Alzira Abreu *et al.* 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. 5v.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: historiografia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945–1964)**. São Paulo: Atual, 2011.

FERREIRA, Jorge. O carnaval da tristeza: os motins urbanos do 24 de agosto. *In*: GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2011.

FERREIRA, Jorge. **O imaginário trabalhista**: getulismo, PTB e cultura política popular – 1945-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge. Queremismo, trabalhadores e cultura política. **Vária História**, Belo Horizonte, n.28, p.177-200, 2002.

FERREIRA, Jorge. **Trabalhadores do Brasil: o imaginário popular**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FERREIRA, Marieta de Moraes; MONTALVÃO, Sérgio. **História do Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

GOMES, Ângela de Castro. **A invenção do trabalhismo**. Rio de Janeiro: Vértice/IUPERJ, 1988.

GOMES, Ângela de Castro. A última cartada. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 1, n.10, ago. 2004.

GOMES, Ângela de Castro. Estado Novo: ambiguidades e heranças do autoritarismo no Brasil. *In*: GOMES, Ângela de Castro. **Brechó: estudos de história política e historiografia**. Curitiba: Editora Prismas, 2018.

GOMES, Ângela de Castro. Ideologia e trabalho no Estado Novo. *In*: PANDOLFI, Dulce Chaves (Org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as ciências sociais no Brasil. *In*: FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). **Vargas e a crise dos anos 50**. Rio de Janeiro: Ponteiro, 2011.

JORNAL DO BRASIL. **Renunciou o Presidente da República**. Rio de Janeiro, p.1, 24 ago. 1954. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/030015\\_08/11411](http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/11411). Acesso em: 30 nov. 2019.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MACEDO, Michelle. **O movimento queremista e a democratização de 1945**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.

PANDOLFI, Dulce Chaves. Os anos 30: as incertezas do regime. *In*: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (Org.). **O Brasil Republicano – Volume 2**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

TRIBUNA DA IMPRENSA. **Suicidou-se Getúlio, desfechando um tiro no coração em seus aposentos**. Rio de Janeiro, p.1, 24 ago. 1954. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/5012](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/5012). Acesso em: 30 nov. 2019.

ÚLTIMA HORA. **Matou-se Vargas, o presidente cumpriu a palavra:** “só sairei morto do Catete”. Rio de Janeiro, p.1, 24 ago. 1954. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/386030\\_05/24261](http://memoria.bn.br/DocReader/386030_05/24261). Acesso em: 30 nov. 2019.

---

Acesso geral: <https://ojs.uva.br/index.php/revista-aquila>  
Licença Copyleft: Atribuição-Uso não Comercial-Vedada a Criação de Obras Derivadas

